

A MÃO-DE-OLHOS-AZUIS DE CANDIDO PORTINARI

CURADORA **Maria de Aires Silveira**

13.10.2017 → 30.12.2017

As obras de Cândido Portinari (Brodowsqui, S. Paulo, 1903 - Rio de Janeiro, 1962) *Chorinho e Carnaval. Cavalo-Marinho*, da série *Músicos*, decoravam o auditório da Rádio Tupi, Rio de Janeiro. Após o incêndio da emissora, uma inesperada doação de Diários Associados, empresa de Assis Chateaubriand, é justificada pelo interesse do empresário em integrar “nas galerias do Museu de Arte Contemporânea de Lisboa uma obra que represente a arte brasileira” (Arquivo MNAC-MC, Livro de ofícios recebidos, 1951).

Raramente expostas, estas peças de temática popular sugerem a fraternidade do universo ibero-americano. Provavelmente, na Bienal brasileira de 1951, Assis Chateaubriand contactara o diretor do MNAC, Diogo de Macedo, que neste ano, na revista portuguesa *Ocidente*, assinala a incorporação de dois quadros de Portinari nas coleções do Estado (MNAC e MNSR) como facto que “merece registo público”. A exibição de *Chorinho*, no MNAC, em 1952, revela uma modernidade inédita, na sequência da chocante apresentação do autor, *O café*, no Pavilhão do Brasil da Exposição do Mundo Português, em 1940. Esta visão humanista de um modernismo clássico surge como um “cavalo-de-Tróia” (José-Augusto França) no ambiente passadista de patriotismo histórico e ideológico da exposição.

Valorizado como o pintor “mais popular do Brasil” (Mário Dionísio, 1963) integra-se num “nacionalismo estético” (Mário de Andrade) através de expressivas deformações da figura e de um “otimismo” baseado na afirmação heroica do trabalho. Assim, Portinari destaca-se como pintor social e artista oficial. Pesquisa as raízes nacionais, constrói um imaginário mítico brasileiro mas afasta-se da ideologia do Estado Novo. Liga a pintura social à comunicação visual e sublinha a importância do gesto num realismo dramatizado, neste caso, pela música popular. Por isso, a mão e o seu olhar observador traçam um percurso original, expresso na poesia de Carlos Drummond de Andrade, *A mão-de-olhos-azuis*.

Amizades Ibero-americanas. Direções modernistas em Portugal e Brasil

O fascínio pelo manifesto futurista de Marinetti no Brasil (Oswald de Andrade, 1912) encontrava ecos no modernismo português, ambos radicados na promoção dos nacionalismos. A publicação da revista *Orpheu*, 1915, com colaboração de António Ferro, era um projeto modernista luso-brasileiro de dupla direção, entre Luís de Montalvor (Portugal) e Ronald de Carvalho (Brasil) que antecede, em polémica e escândalo, a importante Semana de Arte Moderna de S. Paulo, 1922. Já a expressividade cromática da pintura de Anita Malafatti provocara controvérsia, mas o impacto deste festival de pintura, escultura, desenho, música, literatura, apostava na liberdade de expressão literária das emoções e renovação da linguagem, numa sistematização do modernismo brasileiro. Neste ano, António Ferro apresentava a conferência *A idade do jazz-band*, em vários locais do Rio de Janeiro e S. Paulo, reveladora de marcante atitude modernista.

Traçavam-se movimentos de características identitárias próprias, confinados aos ambientes socioculturais e políticos dos dois países. Das sucessivas revistas e manifestos brasileiros destacava-se o impactante movimento antropofágico, nacionalista, com manifesto de Oswald de Andrade e revista (*Klaxon*) que contava com as presenças de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Pretendiam “diglutir” as vanguardas e recriar uma ideal autenticidade do país, valorizada pelo forte cromatismo das pinturas de Tarsila do Amaral e pela música de Villa-Lobos. A partir de 1945, o modernismo literário explorava o interesse pelos costumes e o regionalismo. Importava apresentar concepções sociológicas e visuais de realidades nacionais, tal como aconteceu em Portugal, no Estado Novo, recorrendo a uma linguagem de modernismo classicizante e reinterpretação da tradição.

Cândido Portinari desenvolveu um percurso único, focado no interesse pela pintura social e no humanismo das figuras populares, a partir da década de 1940. Reconhecido internacionalmente e no seu país, Portinari, fortemente apoiado pelo mecenas Assis Chateaubriand, empenhou-se num modernismo equilibrado e colorido, épico no original estatismo volumoso e de extremidades distorcidas dos trabalhadores.

BIOGRAFIA DE CANDIDO PORTINARI

1903 Nasceu a 30 de dezembro, na Fazenda de café Santa Rosa (Brodowski, São Paulo). Filho de italianos, matricula-se (1920) na Escola Nacional de Belas Artes e obtém o Prêmio de Viagem à Europa com o *Retrato de Olegário Mariano* (1928) na XXV Exposição Geral de Belas Artes.

1929-32 Durante a estada em Paris, desde 1929, na zona de Montparnasse, convive com Van Dongen e O. Friesz, e participa na exposição de Arte Brasileira, Paris (1930). Regressa ao Brasil com a sua mulher, a uruguaia Victoria Martinelli, em 1931. Realiza uma exposição individual, no Palace Hotel do Rio de Janeiro, e tal como a sua primeira exposição, em 1929, foi organizada pela Associação dos Artistas Brasileiros.

1934-35 Integra-se no Modernismo brasileiro ao apresentar uma pintura social (*Os Despejados*) reconhecida oficialmente. A Pinacoteca do Estado de São Paulo adquire a pintura *Mestiço*. No ano seguinte, leciona pintura no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, Rio de Janeiro (“sua aula lembrava os grandes ateliers europeus” – Celso Kelly).

1935-38 Inicia o percurso artístico nos Estados Unidos, com uma exposição no Instituto Carnegie, Pittsburgh (obtém Segunda Menção Honrosa com a pintura *Café*).

1935-38 Recebe encomendas oficiais de painéis para o Monumento Rodoviário (1935) e Murais em afresco, técnica pioneira no Brasil, para o Ministério da Educação (1938).

1939 Participa na Feira Mundial de New York e realiza uma grande exposição no Museu Nacional de Belas Artes com 269 obras.

1940 Conhecem-no pelo “pintor dos pés grandes” e Portinari esclarece “impressionavam-me os pés dos trabalhadores das fazendas de café. Pés disformes. Pés que podem contar uma história.” Impõe-se na exposição Latino-Americana de Arte, Nova Iorque, e destaca-se na exposição Portinari do Brasil, com 180 obras, no MoMA, Nova Iorque, com reconhecido sucesso em várias cidades americanas.

1942 Realiza Painéis na Rádio Tupi, Rio de Janeiro e na Rádio Tupi, S. Paulo, terminados em 1943, por encomenda de Assis Chateaubriand que os apresenta como exemplo das “grandezas e misérias do Brasil”. Os murais na Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso, Washington, elegem uma temática histórica latino-americana.

1943-44 Realiza grandes exposições nacionais e internacionais, no Museu Nacional de Belas Artes com 168 trabalhos, e participa na exposição comemorativa de fundação do MOMA (*Espantelho e Colonos Carregando Café*).

1946 A exposição na Galeria Charpentier, Paris, com 84 obras, é muito apreciada e comentada (“Portinari é profundamente brasileiro” – René Huyghe).

1947-48 Perde candidatura ao Senado, pelo Partido Comunista Brasileiro, por reduzida margem de votos e na sequência de perseguições governamentais aos comunistas, pede exílio no Uruguai, onde se instala com a família. A exposição individual em Buenos Aires com 91 obras (1947) encomendas de painéis e ainda uma retrospectiva no MASP, S. Paulo (1948) garantem o seu reconhecimento e afirmação como pintor do Brasil.

1949 Incêndio na emissora Rádio Tupi com destruição dos Painéis de Portinari, exceto *Chôrinho* e *Carnaval. Cavalo-marinho*. Por razões políticas, apesar do convite para a Conferência Cultural e Científica para a Paz Mundial, Nova Iorque, a Embaixada Americana recusa o seu visto de entrada.

1950 Viagem a Itália. Recebe a medalha de Ouro da Paz (obra *Tiradentes*) no II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, Varsóvia.

1951-54 Participa na I Bienal de São Paulo (1951) e realiza uma exposição individual, no Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, com 100 obras (1954). Executa painéis para o Banco da Baía e ONU (terminados em 1956). Fica gravemente doente, no Rio de Janeiro, por utilização de produtos tóxicos nas suas tintas: chumbo, cádmio e prata. “Estou proibido de viver”, dizia, devido ao afastamento forçado do seu trabalho, por sugestão médica.

1955-58 Integra a III Bienal de São Paulo com 12 estudos para o painel da *Guerra*, sala *hors concours* e realiza exposições individuais na *Maison de la Pensée Française*, em Paris, Munique e Colónia (1957) e em Bolonha (1958). Doação dos painéis *Guerra e Paz* à ONU, em cerimónia oficial, sem a presença do autor por ser membro do Partido Comunista.

1959 Participa na exposição itinerante *Artistas Brasileiros na Europa*, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro e inscreve-se na V Bienal de São Paulo, ao apresentar uma Retrospectiva com 127 obras.

1960-61 A publicação *Brasil, Pintura de Portinari*, assegura o seu êxito em Itália (1960) mas no ano seguinte, é impedido de entrar em França e de emitir declarações políticas.

1962 Morre a 6 fevereiro, intoxicado pelas tintas utilizadas. A Presidência da República emite nota de pesar e é decretado luto oficial de três dias no Estado da Guanabara.

Exposição integrada em



Uma iniciativa da UCCI e da Câmara Municipal de Lisboa (Direção Municipal de Cultura e EGEAC)

Com o apoio

a | amigos do museu do chiado

Ficha Técnica PASSADO E PRESENTE – LISBOA, CAPITAL IBERO-AMERICANA DE CULTURA 2017

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa
Fernando Medina

Vereadora da Cultura da Câmara Municipal Lisboa
Catarina Vaz Pinto

Diretor Municipal de Cultura
Manuel Veiga

Conselho de Administração da EGEAC
Joana Gomes Cardoso, Lucinda Lopes

Coordenação geral da programação
António Pinto Ribeiro

Ficha Técnica MNAC

Organização
MNAC-Museu do Chiado

Diretora
Aida Rechena

Curadoria e Textos
Maria de Aires Silveira

Digitalização e Tratamento de Imagem
Divisão de Documentação Fotográfica,
Luísa Oliveira, Pedro Aragão Barros

Transporte e Montagem
Feirexpo, S.A

Apoio à Montagem
António Rasteiro, Diogo Branco, João Carneiro

Comunicação e Edição
Anabela Carvalho

Pesquisa Musical
António Chaparreiro

Mecenato e Relações Internacionais
Rita Sá Marques

Educação
Catarina Loureiro de Moura, Ana Rita Duro,
Rita Salgueiro, Flávia Violante, Paula Azevedo,
Daniel Peres, Pedro Fortes

Registo
Angelina Pessoa

Logística e Apoio Administrativo
Angelina Pessoa, Sofia Khan

Receção e Vigilância
Ana Cláudia Serra, Ana Cristina Duarte, Ana
Maria Marques, Diogo Branco, Irene Marques,
Isabel Murteira, João Carneiro, Luís Sousa,
Maria Cecília Correia, Maria João Pedro,
Marta Peralta, Nuno Neves, Ricardo Silva,
Vitor Pereira, Vitor Vicente

Tradução
Kennis Translations

Design Gráfico
Joana Durães

Produção e Montagem Sinalética
Logotexto, Lda.

Seguros
Lusitânia Seguros



Mecenas Principais \ Main Sponsors

